



- Login
- Assine a Folha
- Atendimento
- Acervo Folha

DOMINGO, 24 DE SETEMBRO DE 2017 19:38

PUBLICIDADE

FOLHA DIGITAL POR APENAS R\$ 1,90 NO PRIMEIRO MÊS. ASSINE JÁ.

Opinião	Poder	Mundo	Economia	Cotidiano	Esporte	Cultura	F5	Sobre Tudo	18°C SÃO PAULO
---------	-------	-------	----------	-----------	---------	---------	----	------------	----------------

Últimas notícias Cacilda: "Dinamarca", Grupo Magiluth se apresenta no Sesc Belenzinho - SP

FOLHA DIGITAL *** Acesso ilimitado por apenas R\$ 1,90 no primeiro mês. ASSINE JÁ!



ilustríssima

Escravidão, e não corrupção, define sociedade brasileira, diz Jessé Souza

clube de leitura folha revolução russa, 100 cartuns semanais

PUBLICIDADE

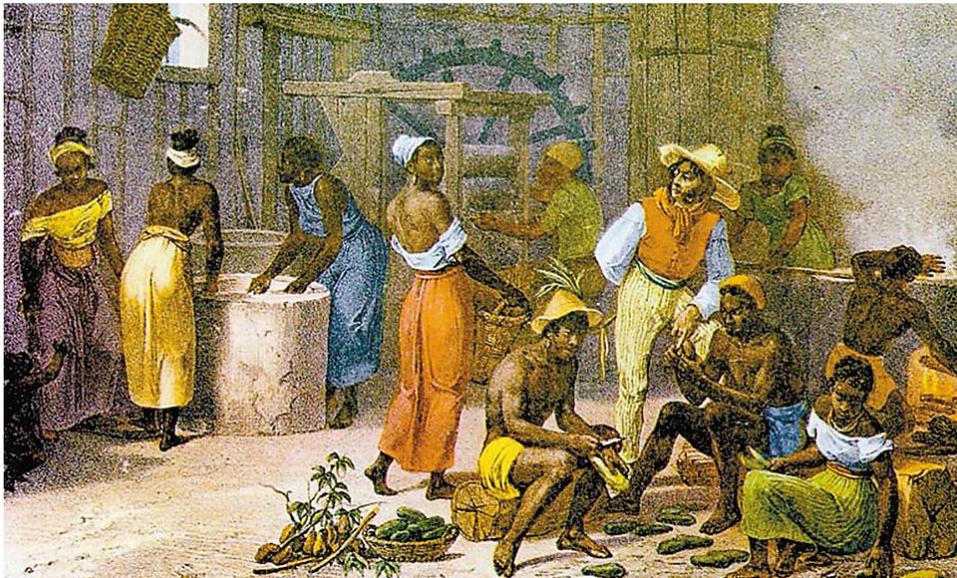
leia também

Edição impressa

13 de maio: dia da abolição da escravatura

2 de 16

Reprodução



JESSÉ SOUZA

22/09/2017 06h00






 8,0 mil
 Mais opções

RESUMO Autor argumenta que a visão do brasileiro como vira-lata, pré-moderno, emotivo e corrupto decorre de uma leitura liberal, conservadora e equivocada de nosso passado. Para ele, é preciso reinterpretar a história do Brasil tomando a escravidão como o elemento definitivo que nos marca como sociedade até hoje.

Jornalista portuguesa Joana Gorjão contesta teoria luso-tropicalista

Quem deu o golpe, e contra quem? Leia ensaio de Jessé Souza

Lava Jato atacou e destruiu as bases do direito brasileiro, diz Jessé Souza

notícia falsa



REPORTAGEM

Como funciona a engrenagem das notícias falsas no Brasil

ENSAIO FILOSÓFICO

E se o erro e a fabulação revelarem-se tão essenciais quanto a verdade?

na rede

IDEOLOGIA DA DESESPERANÇA

Trump, os nerds do 4chan e a nova direita dos Estados Unidos



1499

A saga dos povos que viviam no Brasil antes da chegada dos portugueses

De R\$ 34,90
Por R\$ 30,90

Quem sintetizou a interpretação dominante do Brasil, que todos aprendemos nas escolas e nas universidades, foi [Gilberto Freyre](#) (1900-87). É a ideia de que viemos de Portugal e que de lá herdamos um jeito específico de ser. Para o autor de "Casa-Grande e Senzala" e para seguidores como [Darcy Ribeiro](#) (1922-97), essa herança era positiva ou, pelo menos, ambígua.

[Sérgio Buarque de Holanda](#) (1902-82), outro filho de Freyre, reinterpreta a ideia como pura negatividade em registro liberal. Cria, assim, o brasileiro como vira-lata, pré-moderno, emotivo e corrupto. Tal visão prevaleceu, e quase todos a seguem, de Raymundo Faoro (1925-2003), Fernando Henrique Cardoso e [Roberto DaMatta](#) a Deltan Dallagnol e Sergio Moro.

Essa é a única interpretação totalizante da sociedade brasileira que existe até hoje.



Liquidificador Oster...
à vista
R\$ 470,88

Minha Casa Decorar

Reprodução



MONETIZAÇÃO DA ATENÇÃO

Sereias digitais, vício em tecnologia e dicas para uso saudável da internet

revolução russa



TV FOLHA

Ator lê Maiakóvski em série sobre os 100 anos da Revolução Russa

Especial traz leituras de Marx, Lênin e John Reed

PUBLICIDADE

Comprar

PUBLICIDADE

folhashop

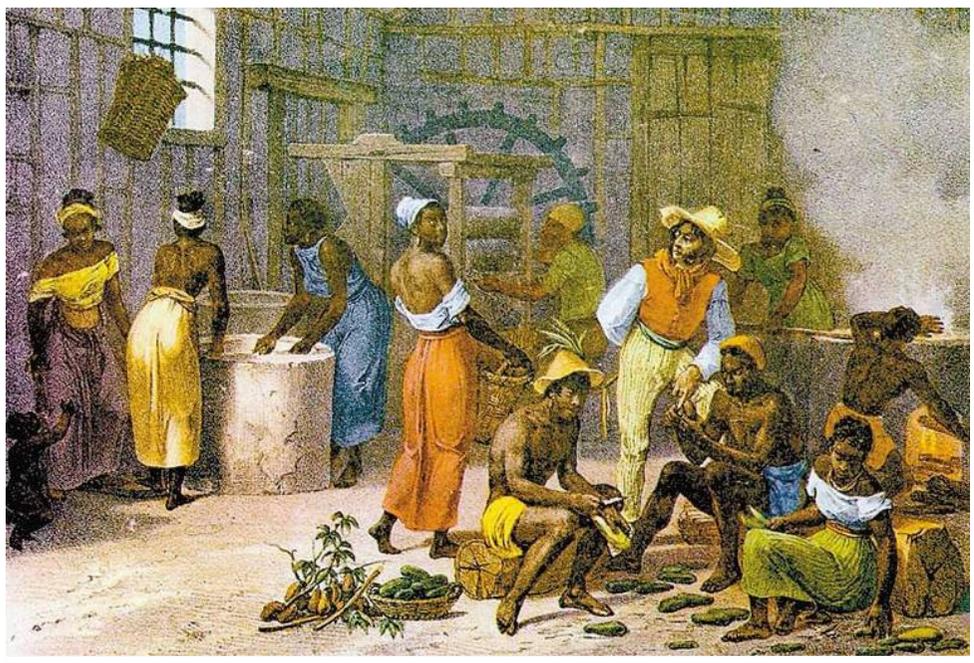


Mizuno Synchro MX

à vista
R\$ 299,90

TIMES E TORCIDAS

PUBLICIDADE



Obra de Johann Moritz Rugendas (1802-1858)

A "esquerda", entendida como a perspectiva que contempla os interesses da maioria da sociedade, jamais construiu alternativa a essa leitura liberal e conservadora. Existem contribuições tópicas geniais, mas elas esclarecem fragmentos da realidade social, não a sua totalidade, permitindo que, por seus poros e lacunas, penetre a explicação dominante.

A ausência de interpretação própria fez com que a esquerda sempre fosse dominada pelo discurso do adversário. Reescrever essa história é a ambição de meu novo livro, "A Elite do Atraso - Da Escravidão à Lava Jato" [Leya, 240 págs., R\$ 44,90]. O fio condutor é a ideia de que a escravidão nos marca como sociedade até hoje —e não a suposta herança de corrupção, como se convencionou sustentar.

Para Faoro, por exemplo, a história do Brasil é a história da corrupção transplantada de Portugal e aqui exercida pela elite do Estado. Nessa narrativa, senhores e escravos raramente aparecem e nunca têm o papel

SETAPP

Como preparar o Mac para o High Sierra?

envie sua notícia

Fotos Vídeos Relatos

Livraria da Folha

As bandas já confirmadas você encontra aqui!

DESCONTOS DE ATÉ 70%

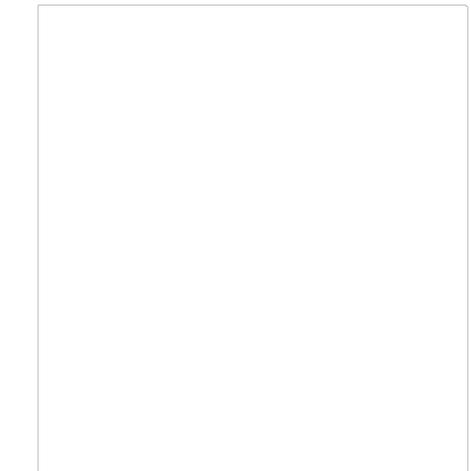
siga a folha

RECEBA NOSSA NEWSLETTER

EM ILUSTRÍSSIMA

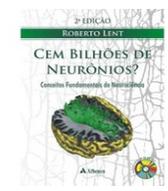
+ LIDAS	+ COMENTADAS	+ ENVIADAS	ÚLTIMAS
1	Escravidão, e não corrupção, define sociedade brasileira, diz Jessé Souza		
2	Ciência repensa o cérebro e mostra que ele não é feito para mudar de ideia		

Redes sociais criam bolhas ideológicas inacessíveis a quem pensa diferente



folhashop

Compare preços:



Cem Bilhões de Neurô...
à vista
R\$ 365,25

Livraria Martins Fontes

CMA Series 4



O melhor sistema para investir na bolsa!

principal.

Essa abordagem seria apenas ridícula se não fosse trágica. Faoro imagina a semente da corrupção já no século 14, em Portugal, quando não havia nem sequer a concepção de soberania popular, que é parteira da noção moderna de bem público. É como ver um filme sobre a Roma antiga cheio de cenas românticas que foram inventadas no século 18. Não obstante, o país inteiro acredita nessa bobagem.

ESCRAVIDÃO

Os adeptos dessa interpretação dominante parecem não se dar conta de que, em uma sociedade, cada indivíduo é criado pela ação diária de instituições concretas, como a família, a escola, o mundo do trabalho.

No Brasil Colônia, a instituição que influenciava todas as outras era a escravidão (que não existia em Portugal, a não ser de modo tópico). Tanto que a (não) família do escravo daquele período sobrevive até hoje, com poucas mudanças, na (não) família das classes excluídas: monoparental, sem construir os papéis familiares mais básicos, refletindo o desprezo e o abandono que existiam em relação ao escravo.

Também no mundo do trabalho a continuidade impressiona. A "ralé de novos escravos", mais de um terço da população, é explorada pela classe média e pela elite do mesmo modo que o escravo doméstico: pelo uso de sua energia muscular em funções indignas, cansativas e com remuneração abjeta.

Em outras palavras, os estratos de cima roubam o tempo dos de baixo e o investem em atividades rentáveis, ampliando seu próprio capital social e cultural (com cursos de idiomas e pós-graduação, por exemplo) e condenando a outra classe à reprodução de sua miséria.

A classe que chamo provocativamente de ralé é uma continuação direta dos escravos. Ela é hoje em grande parte mestiça, mas não deixa de ser destinatária da superexploração, do ódio e do desprezo que se reservavam ao escravo negro. O assassinato indiscriminado de pobres é atualmente uma política pública informal de todas as grandes cidades brasileiras.

4 É urgente voltar a Marx para entender nova fase da economia, diz professor

5 Equipe 'CSI' revela detalhes ocultos em telas de Oiticica e Geraldo de Barros



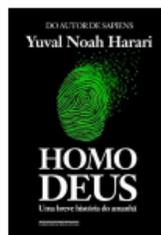
São Paulo Nas Alturas

Raul Juste Lores

De: R\$ 59,90

Por: R\$ 51,90

[Comprar](#)



Homo Deus

Yuval Noah Harari

De: R\$ 54,90

Por: R\$ 46,90

[Comprar](#)



Belchior

A nossa elite econômica também é uma continuidade perfeita da elite escravagista. Ambas se caracterizam pela rapinagem de curto prazo. Antes, o planejamento era dificultado pela impossibilidade de calcular os fatores de produção. Hoje, como o recente **golpe** comprova, ainda predomina o "quero o meu agora", mesmo que a custo do futuro de todos.

É importante destacar essa diferença. Em outros países, as elites também ficam com a melhor fatia do bolo do presente, mas além disso planejam o bolo do futuro. Por aqui, a elite dedica-se apenas ao saque da população via juros ou à pilhagem das riquezas naturais.

INTERMEDIÁRIAS

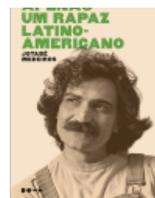
Historicamente, a polarização entre senhores e escravos em nossa sociedade permaneceu até o alvorecer do século 20, quando surgiram dois novos estratos por força do capitalismo industrial: a classe trabalhadora e a classe média.

Em relação aos trabalhadores, a violência e o engodo sempre foram o tratamento dominante. Com a classe média, porém, a elite se viu contraposta a um desafio novo.

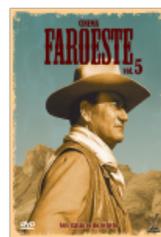
A classe média não é necessariamente conservadora. Tampouco é homogênea. O tenentismo, conhecido como nosso primeiro movimento político de classe média, na década de 1920, já revelava essas características, pois abrigava múltiplas posições ideológicas.

A elite paulistana, tendo perdido o poder político em 1930, precisava fazer com que a heterodoxia rebelde da classe média apontasse para uma única direção, agora em conformidade com os interesses das camadas mais abastadas. Como naquele momento os endinheirados de São Paulo não controlavam o Estado, o caminho foi dominar a esfera pública e usá-la como arma.

O que estava em jogo era a captura intelectual e simbólica da classe média letrada pela elite do dinheiro, para a formação da aliança de classe dominante que marcaria o Brasil dali em diante.



Jotabê Medeiros
De: R\$ 49,90
Por: R\$ 44,90
Comprar



Cinema Faroeste (Vol. 5) (DVD)
Robert Ryan
De: R\$ 79,90
Por: R\$ 69,90
Comprar



Chaplin - A Obra Completa - Edição Limitada (20 Discos) (DVD)
Vários
Por: R\$ 199,90
Comprar

O acesso ao poder simbólico exige a construção de "fábricas de opiniões": a grande imprensa, as grandes editoras e livrarias, para "convencer" seu público na direção que os proprietários queriam, sob a máscara da "liberdade de imprensa" e de opinião.

A imprensa, todavia, só distribui informação e opinião. Ela não cria conteúdo. A produção de conteúdo é monopólio de especialistas treinados: os intelectuais. A elite paulistana, então, constrói a USP, destinando-a a ser uma espécie de gigantesco "think tank" do liberalismo conservador brasileiro, de onde saem as duas ideias centrais dessa vertente: as noções de patrimonialismo e de populismo.

LAVA JATO

Enquanto conceito, o patrimonialismo procede a uma inversão do poder social real, localizando-o no Estado, não no mercado. Abre-se espaço, assim, para a estigmatização do Estado e da política sempre que se contraponham aos interesses da elite econômica. Nesse esquema, a classe média cooptada escandaliza-se apenas com a corrupção política dos partidos ligados às classes populares.

A noção de populismo, por sua vez, sempre associada a políticas de interesse dos mais pobres, serve para mitigar a importância da soberania popular como critério fundamental de uma sociedade democrática —afinal, como os pobres ("coitadinhos!") não têm consciência política, a soberania popular sempre pode ser posta em questão.

É impressionante a proliferação dessa ideia na esfera pública a partir da sua "respeitabilidade científica" e, depois, pelo aparato legitimador midiático, que o repercute todos os dias de modos variados.

As noções de patrimonialismo e de populismo, distribuídas em pílulas pelo veneno midiático diariamente, são as ideias-guia que permitem à elite arregimentar a classe média como sua tropa de choque.

Essas noções legitimam a aliança antipopular construída no Brasil do século 20 para preservar o privilégio real: o acesso ao capital econômico por parte da elite e o monopólio do capital cultural valorizado para a classe média. É esse

pacto que permite a união dos 20% de privilegiados contra os 80% de excluídos.

A [atual farsa da Lava Jato](#) é apenas a máscara nova de um jogo velho que completa cem anos.

Em conluio com a grande mídia, não se atacou apenas a ideia de soberania popular, pela estigmatização seletiva da política e de empresas supostamente ligadas ao PT —o saque real, obra dos oligopólios e da intermediação financeira, que capturam o Estado para seus fins, ficou invisível como sempre. Destruuiu-se também, com protagonismo da Rede Globo nesse particular, a validade do próprio princípio da igualdade social entre nós.

O ataque seletivo ao PT, de 2013 a 2016, teve o sentido de transformar a luta por inclusão social e maior igualdade em mero instrumento para um fim espúrio: a suposta pilhagem do Estado.

Desqualificada enquanto fim em si mesma, a demanda pela igualdade se torna suspeita e inadequada para expressar o legítimo ressentimento e a raiva que os excluídos sentem, mas que agora não podem mais expressar politicamente.

Assim, abriu-se caminho para quem surfa na destruição dos discursos de justiça social e de valores democráticos —Jair Bolsonaro como ameaça real é filho do casamento entre a Lava Jato e a Rede Globo.

O pacto antipopular das classes alta e média não significa apenas manter o abandono e a exclusão da maioria da população, eternizando a herança da escravidão. Significa também capturar o poder de reflexão autônoma da própria classe média (assim como da sociedade em geral), que é um recurso social escasso e literalmente impagável.

JESSÉ SOUZA, 57, doutor em sociologia pela Universidade de Heidelberg (Alemanha), é autor de "A Tolice da Inteligência Brasileira" e "A Radiografia do Golpe" (Leya), além de professor de sociologia da UFABC.



recomendado



Gestão Doria planeja o empréstimo de até 10 mil bicicletas...



Vácuo de poder piora violência, diz socióloga ex-ouvidora de...



Jovem cria negócio online, supera a crise e abandona cargo federal

(Propulsão Digital)



Fumantes elogiam produto para deixar de fumar que é sucesso

(Nicofree)



Megainvasão leva medo, solidariedade e até chance de novo negócio no...



Material de delação ganha vida própria, diz ex-presidente do STF



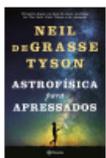
3 problemas de sofás sujos e como se livrar deles imediatamente

(Porto Seguro Faz)



Conheça o programa que foi feito para cuidar de você

(Peugeot)



Astrofísica Para Apressados

Neil Degrasse Tyson

De: R\$ 39,90

Por: R\$ 34,90

Comprar

A Compacta Historia das





Guerras

A. A. Evans, David Gibbons

De: R\$ 44,90

Por: R\$ 38,90

[Comprar](#)

'Assim se Pariu o Brasil' relata invasões, rebeliões e calamidades do período colonial

Livro ensina técnicas de inovação utilizadas no Google

Antropólogo investiga ligações entre corruptos e intelectuais em livro

Psicoterapeuta apresenta visão geral da vida e obra de Lacan

Coletânea reúne produção jornalística de George Orwell

comentários

[Ver todos os comentários \(31\)](#)

Caro leitor,

[Termos e condições](#)

para comentar, é preciso ser assinante da **Folha**. Caso já seja um, por favor entre em sua conta cadastrada. Se já é assinante mas não possui senha de acesso, cadastre-se.

[Faça seu login](#)

[Cadastre-se](#)

[Assine](#)

jose borges (22/09/2017 07h17) há 2 dias [7](#) [2](#) [Denunciar](#)

[COMPARTILHAR](#)

Tanto esforço para nada no fim da leitura. O cara é pe tista incondicional com o a maioria dos sociólogos. No final da matéria depois de tanta bobagens, critica e defende o P T dos ataques e desastres cometidos.

O comentário não representa a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem

[Responder](#)

Ricardo A (22/09/2017 07h18) há 2 dias [6](#) [2](#) [Denunciar](#)

[COMPARTILHAR](#)

Assim como sua amiga Chauí o missivista diz que a culpa é da classe média !

O comentário não representa a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem

Responder

José Cláudio (22/09/2017 15h53) há 2 dias 2 0 Denunciar COMPARTILHAR

A resenha passa a impressão de que houve a tentativa de acoplar um trabalho acadêmico interessante sobre o papel do escravismo, com um panfleto para livrar os condenados do PT (porque não acredito que ele queira também aliviar Geddel e Cunha por exemplo) da cadeia.

O comentário não representa a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem

Responder



FOLHA DE S. PAULO	<p>Login</p> <p>Assine a Folha</p> <p>Atendimento</p> <p>Versão Impressa</p>	PAINEL DO LEITOR	ESPORTE	TEC	ESPECIAIS
<p>Acervo Folha</p> <p>Sobre a Folha</p> <p>Expediente</p> <p>Fale com a Folha</p> <p>Feeds da Folha</p> <p>Folha Eventos</p> <p>E-mail Folha</p> <p>Ombudsman</p> <p>Atendimento ao Assinante</p> <p>ClubeFolha</p> <p>PubliFolha</p> <p>Banco de Dados</p> <p>Datafolha</p> <p>Folhapress</p> <p>Treinamento</p> <p>Trabalhe na Folha</p> <p>Publicidade</p> <p>Política de Privacidade</p>	PROJETO EDITORIAL	COTIDIANO	CIÊNCIA	F5	TV FOLHA
OPINIÃO	<p>Princípios editoriais</p> <p>Conheça o Projeto Editorial</p> <p>In English</p> <p>Folha's Editorial Principles</p> <p>Read the Editorial Project</p> <p>En Español</p> <p>Principios Editoriales</p> <p>Lea el Proyecto Editorial en Français</p> <p>Principes Éditoriaux</p> <p>Lisez le Projet Éditorial</p>	MUNDO	SAÚDE	+ SEÇÕES	SOBRE TUDO
<p>Editoriais</p> <p>Blogs</p> <p>Colunistas</p> <p>Colunistas convidados</p> <p>Ex-colunistas</p> <p>Tendências/Debates</p>	POLÍTICA	<p>Mundo</p> <p>Governo Trump</p> <p>BBC Brasil</p> <p>Deutsche Welle</p> <p>Financial Times</p> <p>Folha Internacional</p> <p>Radio France Internationale</p> <p>The New York Times</p>	CULTURA	<p>Agência Lupa</p> <p>As Mais</p> <p>Dias Melhores</p> <p>Empreendedor Social</p> <p>Erramos</p> <p>Folhaleaks</p> <p>Folha en Español</p> <p>Folha in English</p> <p>Folha Tópicos</p> <p>Folha Transparência</p> <p>Folhinha</p> <p>Fotografia</p> <p>Horóscopo</p> <p>Infográficos</p> <p>piauí</p> <p>Turismo</p> <p>Minha História</p>	Tudo Sobre
	ECONOMIA		<p>Equilíbrio e Saúde</p>	<p>Colunistas</p> <p>Fofices</p> <p>Televisão</p>	TV Folha
	Mercado			<p>Empreendedor Social</p> <p>Erramos</p> <p>Folhaleaks</p> <p>Folha en Español</p> <p>Folha in English</p> <p>Folha Tópicos</p> <p>Folha Transparência</p> <p>Folhinha</p> <p>Fotografia</p> <p>Horóscopo</p> <p>Infográficos</p> <p>piauí</p> <p>Turismo</p> <p>Minha História</p>	Ao Vivo
	Folhainvest			<p>Folha en Español</p> <p>Folha in English</p> <p>Folha Tópicos</p> <p>Folha Transparência</p> <p>Folhinha</p> <p>Fotografia</p> <p>Horóscopo</p> <p>Infográficos</p> <p>piauí</p> <p>Turismo</p> <p>Minha História</p>	Roda
	Indicadores			<p>Folha en Español</p> <p>Folha in English</p> <p>Folha Tópicos</p> <p>Folha Transparência</p> <p>Folhinha</p> <p>Fotografia</p> <p>Horóscopo</p> <p>Infográficos</p> <p>piauí</p> <p>Turismo</p> <p>Minha História</p>	Morar
	MPME			<p>Folha en Español</p> <p>Folha in English</p> <p>Folha Tópicos</p> <p>Folha Transparência</p> <p>Folhinha</p> <p>Fotografia</p> <p>Horóscopo</p> <p>Infográficos</p> <p>piauí</p> <p>Turismo</p> <p>Minha História</p>	Carreiras
				<p>Folha en Español</p> <p>Folha in English</p> <p>Folha Tópicos</p> <p>Folha Transparência</p> <p>Folhinha</p> <p>Fotografia</p> <p>Horóscopo</p> <p>Infográficos</p> <p>piauí</p> <p>Turismo</p> <p>Minha História</p>	Classificados
				<p>Folha en Español</p> <p>Folha in English</p> <p>Folha Tópicos</p> <p>Folha Transparência</p> <p>Folhinha</p> <p>Fotografia</p> <p>Horóscopo</p> <p>Infográficos</p> <p>piauí</p> <p>Turismo</p> <p>Minha História</p>	Loja
				<p>Folha en Español</p> <p>Folha in English</p> <p>Folha Tópicos</p> <p>Folha Transparência</p> <p>Folhinha</p> <p>Fotografia</p> <p>Horóscopo</p> <p>Infográficos</p> <p>piauí</p> <p>Turismo</p> <p>Minha História</p>	Natural
				<p>Folha en Español</p> <p>Folha in English</p> <p>Folha Tópicos</p> <p>Folha Transparência</p> <p>Folhinha</p> <p>Fotografia</p> <p>Horóscopo</p> <p>Infográficos</p> <p>piauí</p> <p>Turismo</p> <p>Minha História</p>	Vida prática
				<p>Folha en Español</p> <p>Folha in English</p> <p>Folha Tópicos</p> <p>Folha Transparência</p> <p>Folhinha</p> <p>Fotografia</p> <p>Horóscopo</p> <p>Infográficos</p> <p>piauí</p> <p>Turismo</p> <p>Minha História</p>	Facebook
				<p>Folha en Español</p> <p>Folha in English</p> <p>Folha Tópicos</p> <p>Folha Transparência</p> <p>Folhinha</p> <p>Fotografia</p> <p>Horóscopo</p> <p>Infográficos</p> <p>piauí</p> <p>Turismo</p> <p>Minha História</p>	Twitter
				<p>Folha en Español</p> <p>Folha in English</p> <p>Folha Tópicos</p> <p>Folha Transparência</p> <p>Folhinha</p> <p>Fotografia</p> <p>Horóscopo</p> <p>Infográficos</p> <p>piauí</p> <p>Turismo</p> <p>Minha História</p>	Instagram
				<p>Folha en Español</p> <p>Folha in English</p> <p>Folha Tópicos</p> <p>Folha Transparência</p> <p>Folhinha</p> <p>Fotografia</p> <p>Horóscopo</p> <p>Infográficos</p> <p>piauí</p> <p>Turismo</p> <p>Minha História</p>	LinkedIn

[ACESSE A VERSÃO PARA TABLETS E SMARTPHONES](#)

Copyright Folha de S.Paulo. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folhapress (pesquisa@folhapress.com.br).